

RECENSÕES

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e — **A Estrutura do Romance.**
Coimbra, Livraria Almedina, 1974, 132 p.

O A., destacando e ampliando o capítulo que dedicou ao estudo do romance em seu livro, *Teoria da Literatura*, transforma-o num volume mais completo e igualmente de maior profundidade, na abordagem dessa forma narrativa, de crescente interesse nos últimos dois séculos. Aspectos como a evolução do romance, a problemática da personagem, do tempo, do foco narrativo, do espaço, da tipologia, da distinção dessa forma com o conto e a novela, constituem os mais significativos da presente obra.

Percebe-se que o A. preocupa-se com a definição do romance ao nível de uma crítica tradicional mas atualiza-se no dimensionamento de uma abordagem formalista e estruturalista, daí as constantes referências a Gerard Genette, a Roland Barthes, a Greimas, a Julia Kristeva dentre outros, a fundamentarem muitas das idéias do autor do presente trabalho.

Depreende-se também, facilmente, da leitura (e releitura) deste **A Estrutura do Romance**, a extenvidade e a extensividade na reflexão em torno de alguns teóricos mais consagrados no campo da Literatura, bem como o conhecimento dos mais representativos romances e romancistas do mundo ocidental. Aparecem referências a Joyce, a Camus, a Kafka, a Cervantes, e na área de Literatura de língua portuguesa compõem Machado de Assis, Eça de Queirós, Vergílio Ferreira, Augusto Abelaira, Fernando Namora, Cardoso Pires, Carlos de Oliveira, dentre outros.

No estudo do tema, V. M. de A. e S. inicia pelo processo evolutivo do romance, desde o seu nascimento até o alargamento de suas possibilidades no mundo ocidental, assinalando o crescente interesse e perspectivas que essa forma narrativa vem adquirindo desde a segunda metade do século passado até os dias de hoje.

O livro se interessa pelos aspectos constituintes do romance, personagem, foco narrativo, tempo, espaço, tipologia e ação. O A. parte de uma análise exaustiva da problemática das personagens, desde o romance (e a novela romântica), até atingir o de dimensão psicológica, arrolando figuras de autores, como o Abade Pré-

vost, Lamartine, Stendhal, Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, dentre outros, para estabelecer o carácter extradiagético das personagens ou situando-as no plano narrador e narratório. A propósito do assunto, lembra a certa altura o A.:

"Entre as personagens de um romance, há duas que se particularizam pela função específica que desempenham no processo narrativo: o "narrador" e o "narratário".

O narrador constitui a instância produtora do discurso narrativo, não devendo ser confundido, na sua natureza e na sua função, com o autor, pois o narrador é uma criatura fictícia como qualquer outra personagem." (p. 27).

Pode-se verificar que em **A Estrutura do Romance** o A. está bem informado acerca da crítica impressionista em torno do romance (de Albert Thibaudet, de Nelly Corneau, de Massaud Moisés, por exemplo) mas da mesma forma da crítica formalista e estruturalista (de um Gerard Genette, de um Roland Barthes, de um Greimas ou de uma Julia Kristeva, por exemplo), mantendo-se em perfeito equilíbrio entre ambas as tendências, aproveitando delas o que de melhor oferecem para a abertura da obra literária e sua interpretação. Ainda, o A. repassa a dimensão do romance em suas várias e sucessivas fases: romântico, realista, psicológico, até chegar às fronteiras do romance do absurdo e do novo romance.

Nesta linha de idéias, figuras das mais expressivas dentro da Literatura Portuguesa, Brasileira, Francesa, Inglesa, Russa e outras surgem como exemplificação e dentre eles: Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Machado de Assis, Lamartine, Stendhal, Proust, Joyce, Kafka, Dostoievski, para citar alguns em ordem na hierárquica como se está a ver.

Quer dizer, o A. acompanha a evolução do romance no mundo ocidental numa linha que vai desde a preocupação com os valores sentimentais, morais, psicológicos, existenciais até chegar ao novo romance e ao romance do absurdo. No caso do novo romance, é claro o A. não se esquece de fazer referências a Alain Robbe Grillet, a Michel Butor e a Nathalie Sarraute.

Com tudo isso ressalta-se facilmente a reflexão exaustiva e em profundidade que o A. revela, não só sobre a teoria do romance e por extensão da teoria da literatura, mas dos mais representativos exemplares na literatura ocidental e apesar da erudição, é com simplicidade e humildade (características básicas de todo intelectual sério) que o A. marca este novo livro, numa carreira literária segura e constante, como nos atestam seus trabalhos anteriores, a Teoria da **Literatura em especial** e seu trabalho sobre o Classicismo.

Obra que me parece básica para o estudo da teoria do romance, solicitando urgente leitura, esta que ora nos apresenta V. M. De A. e S.

João Décio

NAMORA, Fernando — **Os Clandestinos**, Publicações Europa-América, 1.ª ed. Lisboa, 1972, p.p. 335.

Fernando Namora tem o dom de transmitir o particular no universal e os valores relativos em absolutos. E isto é mais do que nunca verdadeiro n'**Os Clandestinos**, e que ele transforma numa intensa crítica social e política, mostrando-nos a realidade de personagens frustradas e traumatizadas dentro do relativismo de uma sociedade de costumes pré-estabelecidos.

Narrando a história de uma aristocrata, culta e refinada sociedade, Namora traça o nostálgico retrato de um mundo que está cada vez mais mergulhado na decadência. Ao contrário dos orgulhosos como Maria Cristina, Malafaia, Relvas, Mário, que se fecham na casa de campo de Malafaia na vã esperança de que os problemas da sociedade não os atinjam, Vasco sente todo o impacto de uma vida sem sentido, solitária e vazia. Junto dele está Jacinta, cuja paixão e interesse não passam de um fingimento e permanecerão até o final como grades que o prendem, limitam e sufocam.

Para Vasco, que se ressentido do distanciamento em que se mantém sua mulher, Maria Cristina, e seus pretensos amigos, que apoiam e aceitam tal sociedade, fato de ver sua vida inútil e um mundo que se fecham, constitui o primeiro de uma série de choques interiores.

Fernando Namora já no início do romance apresenta a problemática da solidão, do cansaço causado talvez pela monotonia que transparece através da repetição das construções: "Era mais ou menos assim de todas as vezes. Olhava para a esquerda, onde a avenida parecia um rio com pressa de desaguar..." (p. 10).

O A. coloca a personagem Vasco em contato com várias outras personagens, assim como Maria Cristina, Jacinta, Alberto, Polly e até mesmo com uma ratazana. Por quê? Seria mais fácil a comunicação com um animalzinho? Vasco vai sendo desprezado, limitado, isolado pelos seres, e cada vez mais vai se sentindo apropriado de sua mulher e de sua amante Jacinta, que o consideravam um simples objeto e não o viam como um ser humano, ou melhor, como um artista cuja sensibilidade se torna maior.

Maria Cristina e Jacinta neste aspecto se identificam, pois ambas o oprimem, o rebaixam em vez de tentarem uma maior aproximação e compreensão.

"Jacinta... Maria Cristina... às vezes confundiam-as confundiam-se. No modo de reagir. No modo de atormentar, no modo de dispor de sua vontade... Ambas o possuíam. Ele não tinha o direito de estar triste ou alegre por motivos que lhes escapassem e que elas não pudessem avivar ou suprimir, se assim o entendessem." p. 69.

Malafaia tenta se esconder, mascarar sua solidão através da arte e das reuniões em sua casa, mas não consegue fugir ao problema e nem mesmo realizar-se, pois falta-lhe a coragem de encarar a realidade. Assim faz da arte apenas um recurso financeiro, deixando-se vencer por uma vida de aparências, esquecendo-se da outra que grita e tenta se impor mas é massacrada, violada, limitada pela realidade. Malafaia não consegue se realizar através da arte, pois desiste de lutar caindo no comodismo de uma sociedade que lhe nega a liberdade, só lhe apresenta ameaças.

Namora mostra n'Os Clandestinos uma sociedade vazia, apodrecida, entediada, homens que não sabem para onde ir nem mesmo valorizar seus atos. Este tédio é um vírus da sociedade moderna que tudo faz para exterminá-lo, mas ele se mostra invencível apesar das lutas, guerras, prisões. A filha de Jacinta é o símbolo desta sociedade, o fruto deste ambiente apodrecido.

Namora muda radicalmente o tema de seu romance mas não se desprende daquele ambiente deprimente de **Domingo à Tarde** ou d'**O Homem Disfarçado**. Ainda que numa nova perspectiva o A. nos revela o mesmo ambiente triste, e angustiante da espera que se revela nas personagens. Vasco espera ansiosamente pela aparição de algo que venha mudar sua vida e assim aproxima-se de outras personagens como Jorge de Domingo à Tarde e João Eduardo d'**O Homem Disfarçado**, ou de uma ratazana que fica à espera de um pedaço de queijo. Na tentativa de libertar-se ou na esperança de uma comunicação mais direta, aproxima-se de Jacinta e acaba se prendendo, caindo na mesma armadilha de Maria Cristina. Mas Namora não deixa a personagem totalmente perdida dentro deste mundo e lhe dá uma chance de identificar-se com Bárbara, com a qual Vasco se sente bem, sem outros interesses a não ser um diálogo, momentos de paz, de harmonia, de enlevo: "Estar aqui contigo, sem mais nada. Beber um uísque na tua companhia. — E estivera quase tentado a acrescentar: "Sem ter medo do que pensas, do que dizes, do que terias vontade de dizer." p. 20.

Bárbara ama Vasco? Este ponto não se esclarece mas ela tem um sentimento mais forte que não é apenas amizade, pois chega a querer que ele não volte à sua casa para se encontrar com aquelas mulheres que apenas queriam uma aventura e com isso ganhavam o seu sustento. "Elas são umas chatas, Vasco, não percebo estas tipas, à espera que ele se decidisse, que fosse homem, que fosse capaz de não voltar a por ali os pés." p. 219.

Vasco busca um reencontro consigo mesmo, mas essa sociedade limita e modela os indivíduos e estes já não vivem sua própria vida mas preocupam-se com a comunidade até que se sintam estranhos a si próprios, até que não consigam mais se reencontrar, tão longe ficou seu "eu" individual.

A vida deve ser constituída de sobressaltos, de acontecimentos, de imprevistos para não cair numa rotina monótona e corrosiva da alma humana. Vasco associa os momentos de tortura à sua vida familiar e monótona, rotineira e de certa maneira isto gera uma expectativa de que o ser humano consiga se libertar e assim levar seu país a uma libertação também, temporal e espacial para que se possa viver o presente dentro do mundo presente e não viver um passado num mundo presente, pois Vasco para se realizar, sentir-se útil e conseguir explicar o sentido de sua vida, fica preso às recordações do passado.

Namora chega ao extremo de sua crítica mostrando com desprezo ou com certo desespero, um país fechado, limitado, negando sempre um novo horizonte. "Rir-se de certos tipos, não duvido. Que porcaria de país, que porcaria de gente." p. 228.

O problema da arte é importantíssimo pois é através dela que alguns personagens vão tentar se libertar, mas todos vivem encarcerados dentro de uma vida aparente. Por que não procurar sua verdadeira missão no mundo? Por que não encontrar sua verdade seja através da arte ou de um grande amor? Mas tudo se gastou e restam apenas homens cansados, "cansados até da arte que era a sua bravura, o seu respirar". Homens que se tornam clandestinos dentro da vida pois fogem à sua verdade, não assumem sua verdadeira vida que fica sempre em zonas obscuras do inconsciente.

Clandestinidade, morte, solidão, velhice, problemas sociais, frustração, tédio, a gratuidade e o absurdo são os vários obstáculos na vida do ser e também no mundo criado por Fernando Namora e Vasco tenta superá-los e todos nós tentamos se tivermos uma visão profunda dos problemas.

A frustração é uma tônica que se verifica em todas as personagens tais como Jacinta, Vasco, Maria Cristina, Malafaia, etc. De um modo ou de outro, todos se apresentam na vida mais ou menos frustrados por não se realizarem seja no amor, seja na arte; assim, Jacinta não encontra o amor entre os diversos homens por quem passou; Maria Cristina está presa a um casamento apenas pelo comodismo, pela segurança; Vasco também se acha preso a uma vida sem sentido e dela tenta escapar; Malafaia de certa maneira é um frustrado por não conseguir ser absorvido pela arte e sente-se com a obrigação de cultivar os falsos e desconhecidos amigos pois estes lhe garantem a compra de seus quadros.

Namora procura fixar uma sociedade em decomposição e, não se deixando intimidar, entra numa severa crítica social e política

em torno à prisão, aos meios de tortura a que são submetidos os presos para uma possível confissão, e critica também a imprensa maldosa e maldizente. O A. limitar-se-ia a uma sociedade portuguesa? Ou quer ele mostrar a situação de um mundo, de uma sociedade, seja ela brasileira, francesa, ou americana, apresentando personagens desinteressadas de um meio social e que se tornam símbolos universais?

O A. recorre a cenas brutais para criar a atmosfera quase real de lenta asfixia que envolve os seus personagens, mas ao final já o ambiente torna-se mais ameno para Vasco, menos deprimente pois ele aos poucos vai se libertando de uma vida aparente, monótona e rotineira para enfrentar sua verdade" com outra força. E também com outra pureza".

Lurdes Andreassi